

Pto
D.
Ru
P

23126



O Gaiato

8 DE MARÇO DE 1969

Ano XXVI - N.º 652 - Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Vinte cinco anos



A Obra da Rua assentara havia pouco seus arrais nesta velha terra de Egas Moniz. Trazia consigo, da pequena semente germinada quatro anos antes em Miranda do Corvo, uma «força-viva» que haveria de a levar muito longe — e este era o primeiro passo da Expansão.

Desde a «martelada» que o trouxe ao sacerdócio, o Fundador compreendia que «tudo é vaidade» excepto o amor. O amor do Amor — o amor descido do coração de Deus ao coração dos homens, para desintegrar

toda a potência de amar neles criada e desencadear uma corrente vital que, passando por todos os que se contam sob o nome de Próximo, os conduzisse, livres, activos, a contra-corrente, à Fonte do amor, onde a felicidade é a máxima participação para cada homem da infinita felicidade de Deus e nunca acabará.

Pai Américo viu tão «claramente vista» esta verdade, que não necessitou de saber mais nada, nem cuidou de mais nada, para arrancar decidido o seu caminho de luz, de luz da LUZ!, onde até a pequenez do homem e a fragilidade do pecador assumiram valor positivo, porque «a sombra diz que a LUZ é!»

Como o Verbo nas mãos do Pai para a salvação dos homens, também a palavra do discípulo de Jesus é serva do amor que o consome. Ele não fala por falar. Não vive para falar. É o amor que lhe põe nos lábios a palavra adequada e oportuna por entre silêncios — pausas que

também compõem a grande sinfonia da vida que é revelação da Vida.

«A Sopa dos Pobres» no «Correio de Coimbra»; depois «A Obra da Rua» no mesmo jornal e n' «A Ordem» — nasceram da necessidade de pôr em circulação o amor que os Pobres reclamam com pleno direito e o Próximo lhes deve por imperativo da Justiça. Porque fora desta circulação do amor, «em obras, em verdade», não há Vida, não há salvação. Miséria e riqueza são inimigas da alma. Insensibilidade e negligência são estados de torpor, próximos de morte. E a ignorância da LEI não cobre a responsabilidade dos que não dão um passo para A conhecer.

Por amor de uns e de outros, por amor do Próximo, a quem o Senhor o destinara Seu «dom sagrado», Pai Américo

Continua na OITAVA página

PRESENÇA

de Pai Américo

Faz agora dois anos que eu fui por aí abaixo, pedir a quem de direito o livre curso dum jornal. Tinham-me informado que era muito difícil naquele tempo e creio que hoje também, obter essa licença. Ele é certidões, ele é depósitos, ele é fianças, ele é atestados: — um mundo de arame farpado! Mas no caso deste periódico, não. Disse o que queria, por escrito, e por baixo escreveram que sim. Não me canso de agradecer aos senhores que me deixaram e deixam passar livremente. Lembro-me como se fôra hoje. Do Terreiro do Paço, mandaram-me aos Senhores da Censura. Era tudo gente de armas, ao pé do homenzinho pacífico. Mandaram-me entrar pró gabinete de espera. Ora tinha eu estado ontem no Porto, na rua dos Pelames, a indagar coisas de um dos meus filhos e trazia na alma a impressão de tudo quanto vira e escutara no casarão de 6 andares e suas imediatas visinhanças! E ao falar com o Senhor que me veio atender, não me segurei que não desabafasse. Esqueci-me da pessoa e do lugar. Falei à moda dos apaixonados: Um jornal que não tenha medo, meu senhor, e que não engane o povo!

Houve uma pausa. Fez-se silêncio. O Senhor fitava-me. Ai! que vou ser preso, disse para comigo mesmo! Não fui.

O jornalzinho nasceu auspicioso. Ainda estava no berço e já o público gostava de o ouvir. Alguns teriam, até, dito como naquele tempo disseram de Jesus Infante: Mas onde é que ele aprendeu?, de tão bem que falava!

Continua na OITAVA página

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Caros leitores, esta é a primeira vez que colabore nestas colunas do famoso jornal «O Gaiato».

Vou começar por dizer que passámos um Natal muito feliz e com imensos brinquedos, Assim também desejo que tenham passado bem

FESTAS

EM MARÇO

DIA 10

às 21,30 h.

Teatro Avenida—Colmbra

Bilhetes à venda: Lar do Gaiato, tel. 24648; Casa do Castelo, Rua do Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

DIA 11

às 21,30 h.

Teatro Aveirense Aveiro

DIA 14

às 21,30 h.

Teatro Lúcio da Silva Leiria

DIA 15

às 21,30 h.

Cine Teatro S. Martinho Penafiel

DIA 17

às 21,30 h.

Teatro S. Pedro - Espinho

DIA 19

às 21,30 h.

Cine Teatro Famalicense V. N. Famalicão

DIA 20

às 21,30 h.

Teatro Circo—Braga

e que o Pai Natal vos tivesse posto nos sapatinhos muitas lembranças.

Na passagem de Ano divertimo-nos muito, acendendo fogo de artifício e tocando os sinos. Terminada a brincadeira fomos para o refeitório onde comemos e bebemos todos em comum. Finda a refeição dirigimo-nos para as nossas camaratas a fim de repousarmos.

Obras — A nossa Aldeia está sendo cada vez mais além, à medida do nosso rico trabalho do dia a dia e também pela colaboração dos nossos estimados amigos que nos vão auxiliando conforme as suas possibilidades.

Futebol — Aos jovens leitores que tenham algum grupo de jogadores que nos queiram enfrentar num encontro de amizade, agradeceremos a gentileza de nos comunicarem, para marcarmos uma data para um desafio disputado cá no nosso estádio dos «Pitopós» Como já há muito que não jogamos, queríamos desentorpecer as pernas.

Um pedido — Às nossas caríssimas leitoras que tenham agulhas de tricotar que já não lhes façam falta, agradeceremos o favor de as enviar ao nosso Lar de Lisboa, pois fazem muita falta, para a Senhora poder arranjar as nossas camisolas. A Senhora falou-me, também, numa balança doméstica.

Miro

Venda em Santarém — Acabei a minha última quinzena de vender o nosso querido jornal «O Gaiato». Escrevo estas pequenas palavras para agradecer ao Senhor Manuel da Ribatejana, da Cidade de Santarém, que muito bem me tratou enquanto lá vendia e também a todos os meus companheiros que lá iam vender. Agradeço também aos cozinheiros do Restaurante que muito bem me serviam e aos serventes de mesa. Estou muito grato por tudo o que me fez o Senhor Peste que cada vez que o encontrava no Café Central não me deixava sair sem que eu tomasse qualquer bebida com a sua simpática esposa, trabalhadora na Casa Ribeiro, que também nunca deixava de me dar bons conselhos. Agradeço também ao Sr. Padre Nuno que nunca me deixava sem dormida. Estou muito grato a todos os compradores deste nosso querido jornal «O Gaiato». E assim termino estas palavras para que todos os compradores nunca desistam de o comprar. Sem a vossa ajuda a nossa Obra não é nada.

Tóttó

BENGUELA

Obras — Presentemente estamos com a construção do nosso futuro «Aviário». Como todos sabem, numa Casa como a nossa este é mesmo indispensável devido à poupança que fazemos; porque uma vez que temos galinhas e ovos já não vamos ao talho. Do mesmo modo o nosso parque infantil vai-se tornando uma necessidade, pois também já está prestes a começar.

Bananas — Podemos dizer sem receio que a banana está a ser o capital da Casa do Gaiato de Benguela. É verdade! Tudo nos tem calhado bem em todos os sentidos; tanto no desenvolvimento da Banana, como no adiantamento dos cartões e na pontualidade dos embarques, — de nada nos temos que queixar! Oxalá que sempre assim, com este andamento, possamos contribuir para o desenvolvimento do distrito, no que diz respeito a Bananas.

Surpresa — Aqui há tempos fomos surpreendidos pelo nosso Júlio da Casa do Gaiato de Malanje, surpresa essa que para nós foi só uma alegria a juntar a outras tantas que temos tido! Porque na verdade o Júlio é um rapaz que tem sempre um quê de graça e, além disso, tem o dom da camaradagem. Temos a dizer que o Júlio gostou imenso disto, principalmente da nossa Casa Mãe! Ele foi recebido com abraços e com abraços se despediu.

Os nossos Animais — Temos em nossa Casa um cão de nome «Leão». Este cão é a coisa mais cômica que já se viu! Não passa um momento em que não ande com um trapo na boca correndo atrás dos nossos rapazes. De quando em quando, ou melhor, quase todos os dias é preciso pôr o «D. Leão» fora do nosso refeitório, pois só vai para lá fazer estragos em todos os sentidos.

Os nossos patos — Estes bichinhos estão muito importantes, pois até já exigem cama, roupa lavada, quarto de banho, etc. Já por umas poucas de vezes que encontrei os nossos patos dentro do meu quarto, todos em reunião, e a passearem de lado para lado; mas o pior não é isso! O pior é termos que limpar ovos de pato.

Parque Infantil — Desta vez a alegria é dos mais pequenos, pois mesmo junto ao campo da bola está o nosso Parque Infantil onde gozam as brincadeiras de criança, pura alegria de juventude. Oxalá não tenhamos de levar algum para o hospital! Nasceu a alegria dos Batatinhas!

António Augusto

LOURENÇO MARQUES

Tem sido com muita atenção que sigo o interesse que os habitantes de Lourenço Marques têm tido pelos que precisamos de alguém.

Um exemplo passou-se comigo nas vésperas de Natal, quando eu andava a vender o jornal «O Gaiato»; não houve ninguém que me desse só o dinheiro do custo, pois tiravam mais alguma coisa e diziam: «Isto é para as Boas Festas». E não só isso, como também receberam os vendedores com todo o carinho como se fossem seus filhos.

Vai fazer três anos que estou na Casa e nunca vi os vendedores a receber prendas de Natal como cá em Lourenço Marques. Isso prova o interesse que os Senhores têm por nós.

Houve quem cá trouxesse bolos e também não faltaram com uma parte do seu dinheiro. Fiquem descansados que não nos faltou absolutamente nada.

Todos os Gaiatos que estão cá na cidade vieram consoar conosco. Foi uma alegria na companhia de todos. A venda do jornal «O Gaiato» dava uma média de 7 mil escudos. No Natal deu nada mais nada menos do que pertinho de 9 mil. Já vêem o interesse que tiveram, para cá trazer em dinheiro perto de 50 contos.

O Senhor Jorge da Agene convidou-nos para irmos almoçar à Quinta do Paraíso.

Foi um almoço de grande nível: galinha à caipira e batatas fritas! Correu tudo com a maior alegria. Acabámos de almoçar, o Senhor Jorge foi ao seu carro buscar prendas de Natal. Foi um lindo jogo de Ping-Pong, uma pista de automóveis a pilhas, um jogo que é para quem tem paciência, e um motor eléctrico que está todo desmanchado. Depois de recebermos as prendas fomos ao Jardim Zoológico; estava lá um Senhor que foi muito amável pois pagou os bilhetes a todos.

Tenho uma pausa de agradecimento para todos que nos querem tanto bem. Também quero dizer aos nossos leitores que a nossa Casa está aberta para todos que nos quiseram visitar, a qualquer hora do dia.

José Manuel «Santana»

Lar do Porto

Eis-me mais uma vez presente, queridos leitores, nas páginas deste jornal procurando oferecer-vos alguns minutos agradáveis, comunicando-vos as nossas necessidades.

Somos nove estudantes quatro empregados e dois cosinheiros. Durante o dia trabalhamos. Os estudantes vão para o liceu, colégios e escolas técnicas. Os que ficam, aqueles que têm aulas na parte de tarde, esses estudam e lá por volta das dez horas entregam-se a uma nova tarefa: limpar a casa na parte que lhes compete, para que ela se apresente sempre limpa e confortável. Trabalha-se todo dia, está-se cansado; mas como já é noite, vai-se para casa. Chega-se a hora do jantar. Todos reunidos na mesa redonda, cada um conta as suas alegrias ou preocupações e a comitiva escuta com agrado. A nossa Casa, estando sob a protecção de todos nós, tem-se tornado, de dia para dia, mais atraente e cómoda.

Exponho-vos que, se de qualquer modo, tiverem em vossa casa quaisquer objectos de ornamento que já não estejam dentro do vosso gosto, podem mandá-los para cá, que fazem sempre um grande jeitão. Do mesmo modo precisamos de uma máquina de escrever.

Quanto ao estudo, as notas não desagradam, mas podiam ter sido melhores, e para esse fim estamos

todos nós a trabalhar. O senhor Padre tem-nos dito muitas vezes isto: todo aquele rapaz, que estando a conduzir-se no mau caminho, e em determinada altura descobre o seu erro e volta esse é o seu enlevo! E todos nós temos assim feito para nos tornarmos o seu enlevo, e dignos de merecer a honra de ser filhos de Deus.

Rodrigues Raimundo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PROBLEMA DIFÍCIL — São duas irmãs. Uma de 53, outra de 68 anos. Ambas doentes incuráveis. Mal começámos a dar fé corremos aos hospitais. De contrário uma ficaria nas mãos da outra. Doentes mentais, agrediam-se bárbaramente. E a casa era inferno constante.

Foram hospitalizadas. E medicadas. Melhoraram quase nada. A agressividade mudou para insensibilidade total. São dois monstrosinhos.

Deram-lhes alta no hospital! Como responsáveis pelo internamento as Vicentinas foram chamadas a ordem. Que fossem por elas quanto antes. De contrário a ordem seguiria os trâmites legais. Seriam advertidas e presas pelo regedor e não sei quantas vias mais! A lei dos homens. E das instituições. A recompensa... Vieram para Paço de Sousa. Aderimos, assim, com repugnância, à «acção de despejo»!

Entretanto, as Vicentinas mais ou menos tomaram a iniciativa de olhar por elas — na ausência total de familiares. Uma por dia fornece-lhes alimentação e o mais. As doentes sem tino, porém, exigem mas é assistência permanente e contínua. Objectamos isso mesmo, na altura; a transferência de ambas para estabelecimento adequado; já que o hospital é para curar e não para «asilar». Que não. Que nos mexêssemos à procura do caminho!!! E indicaram pistas, por intermédio das assistentes sociais do hospital, Sinalleiras! Que triste officio em um campo tão difícil!

O caso, agora, roça já o domínio do escândalo, infelizmente! As doentes saem, de noite, mal vestidas. E o perigo moral a que estão sujeitas — se lhes aparece, nestas sortidas, um homem-animal?! Ainda mais; uma das Vicentinas descobriu, há dias, ratos no colchão. Ninhos de ratos! Exam companheiros de leito. Revolveram o colchão. Renovaram a cama. Mas o caso continua de pé!

Em conclusão. Rasgou-se, em tempos, muita chita com um «Planq. de Saúde Mental». Agitaram-se bandeiras. Cantaram-se hossanas. Mas... estamos como antes: ausência de «Calvários» para doentes mentais irrecuperáveis!

O problema preocupa as altas esferas. Preocupa! E também os recoveiros dos Pobres, que sangram directamente pelas insuficiências.

Cruzar os braços? Não. Então? Como o hospital sacudi o capote; ambas já dão escândalo público; o médico do dispensário de Penafiel, que ora as trata, reconhece e atesta a incurabilidade e necessidade urgente de internamento; como são praticamente expostas, sem parentes próximos (apenas um irmão, caseiro, pobre — com 12 filhos — residente na freguesia da Sobreira); e como estão à mercê da disponibilidade de voluntárias da Caridade — vamos por aí fora com estes dados — documentados — até ao Ministro da Saúde. Deus permita que, no meio das suas limitações, possa resolver o caso. E seja esta uma acha mais para a resolução do problema, como é desejo de Pai Américo — ao lado de cada hospital um «Calvário» para doentes pobres incuráveis.

Júlio Mendes



BENGUELA — Agora é assim; mas já estamos a construir um «Aviário»! Numa Casa como a nossa é indispensável: com galinhas e ovos não vamos ao talho. Que bom!



Regresso

Alma distante descerra meus olhos,
Que nos escolhos não sei se tropeço...
Divago, às cegas, por aí, sem rumo;
Sou como o fumo: vou — desapareço.

Fujo de mim e procuro-me: Aonde
É que se esconde o meu mortal semblante?
Toco-me: Sinto que o corpo humanado
Vem transtornado dum vida errante...

Onde ficaste, corpo meu, desfeito?
Peito, meu peito, quem te estalou tanto?...
Quem te feriu, meu pobre coração,
Sem compaixão e te banhou em pranto...?

...Percorri prados, percorri verduras...
Em vãs loucuras me envolvi na ausência.
Qual filho pródigo, hoje a ti regresso
É apenas peço que me dê clemência...

Contemplo os lírios submissos no prado;
Supremo Fado os encanta e sustém!
Se em mim fenecem os cristãos sentidos,
Aos dons perdidos sucede o desdém...

O negro fumo, o aroma, o brando vento,
Num só momento vão — não voltam mais!
Mas a paixão que em mim se funde e gera,
Comigo espera, balbucia ais!...

Mais do que a ausência, que gravou em nós
Um elo atroz de profunda saudade,
O meu regresso à íntima união
É expressão de eterna Felicidade.

Paço de Sousa, Março de 1969

Santos Silva



Há cerca de um ano transcrevi, neste cantinho, parte do «A laia de Prefácio» do livro «Barredo». Pai Américo punha no condicional, profetizando o que se havia de tornar num futuro presente.

Pai Américo não sonhava. Confiava. Confiava nos Homens do Porto e do Governo. Levantou a sua voz para lançar a semente e deixou que esta germinasse no coração daqueles em quem confiava.

Herdeiros que somos, da confiança que Pai Américo tinha nos Homens, do que os 29 anos de vida da Obra da Rua são prova, voltamos a dizer que acreditamos no novo volume que se há-de escrever sobre o Barredo. Um Barredo «com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta... Casas plenas de luz. Roupa a corar. Flores.»

Há dias, ao folhear um Diário do Porto, li com muita alegria que a Câmara Municipal tinha estudado todo o complexo do Barredo e ia iniciar a sua transformação.

Apeteceu-me calar em acção de graças e esperar a transformação, melhor, a ressurreição do Barredo. Porém, divergência se levantou entre os responsá-

veis pela obra a realizar: se se deveria manter o traçado primitivo que torna o Barredo o que ele é de inconfundível e pitoresco; ou se deviam tornar este num moderno conjunto onde tudo fosse novo e nada deixasse ver do que tinha sido.

Estas duas posições, fruto da melhor vontade de engrandecer o Porto e as suas gentes, lançaram uma intranquilidade no meu espírito. Primeiro, porque irá tornar mais demorada a obra que se pretende realizar; segundo, porque, pessoalmente, me custa ver sacrificado este conjunto do Velho Burgo ao tecnicismo da moderna urbani-

zação, noutros lados e noutras circunstâncias de aconselhar, mas aqui não. Ver toda aquela beleza do Barredo, nos seus pátios e miradouros, nas fachadas de cantaria, onde muitos mestres puseram a sua arte e os arquitectos de antanho, o seu poder criador; ver aquele heterogéneo e único conjunto de construções substituído por casas de betão mais ou menos iguais, é **pecado** que eu gostaria não se cometesse. O novo Barredo tem de ser o Barredo doutras eras, rarefeito, limpo, humanizado, sim, mas ele mesmo e não outro. Porque «o Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido, seus largos, seus nichos e alminhas — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada.»

Padre Abraão

Património dos Pobres

Embora o jornal vá cheio, já, de testemunhos dos leitores, eu não resisto a fazer desta carta, o cantinho do Património deste jornal festivo.

«Irmão da terra eu, à tempos escrevi-vos para aí uma carta não me respondes-tes a ela quer dizer falei para vós e vós não falas-tes para mim pois olhai Deus que é Deus fala para todos nós e atende-nos a tudo que lhe pedimos e também é preciso que a gente mereça. É a segunda vez que vos falo pedindo-vos uma esmola porque vivo pobre e na necessidade e vós vem sabeis que a mim ninguém me pede nada porque sou pobre e se eu vos peço a vós é porque vós podeis e eu não tenho culpa em ser pobre e peço porque Deus também pediu mas eu sou pobre para o mundo e para vós e para a sociedade mas sou rico para o Céu para Deus com os meus sacrifícios e com as minhas orações.

Lembra-vos de mim com uma pequenina esmola porque migalhinhas é pão, porque o que me dais a mim é o que vos sobra a vós.

Irmãos falai para mim e lembra-vos dos pobrezinhos do mundo.»

Ela é um grito de alma, tão simples, tão sincero, nascido de uma consciência sã a proclamar que a sua necessidade deve ter remédio, e este há-de vir de quem na Terra o pode prestar.

Sòmente se engana o nosso correspondente ao supor-nos do número dos que dão do que lhes sobra. Nós damos do que temos, que é o que nos dão. Já outro dia nos queixámos de que se vê o fundo ao Fundo do Património dos Pobres e fizemos apelo, para que se não esqueçam os nossos leitores desta Obra. Donativos, grandes ou pequenos, casas votivas, onde a legenda se possa dispensar e nos liberte para multiplicarmos aquela casa em muitos telhados, que são o chamariz e o fecho de empreendimentos heróicos que Pais de Família, como o desta carta, tomam sobre si.

Ele era tão fácil dar a mão àqueles que têm mãos para receber! E tão económico! E tão construtivo para a Nação! Bem lhe bastariam aqueles a quem, não tendo capacidade de receber, tudo lhes é preciso dar! Mas os válidos, os que «mão têm culpa de ser pobres», pois são capazes de sair do seu marasmo com a ajuda fraterna da sociedade que integram — que pena, se não lhes passa à beira nenhum «bom samaritano»!

Areias do Cavaco

arrependidos do mal feito, mas já era tarde.

E há poucos meses, o mesmo se deu com o Beto, Nelo e Gardinho. De um familiar deles recebi mais que uma carta, quase um insulto, como se estivéssemos a prejudicar o caminho que livremente escolheram. Deixaram este lar que era o seu verdadeiro lar e em breve se viram abandonados por aqueles que se julgavam os defensores e ficaram entregues a eles mesmos, sòzinhos, sem bagagem para se defenderem e manter ao menos o mesmo nível que haviam adquirido ao longo dos anos que connosco conviveram. Esta é a verdade com que vos queremos defender a todo o custo de intromissões indesejáveis porque vos prejudicam. Há que estar alerta! De certo somos e continuaremos a ser a Porta Aberta sem guardas, sem grades, sem portões, dispostos a aguentar os «trabalhos dobrados dos filhos criados».

x x x

Já dobrámos os cem. O nosso ficheiro conta 101 fichas. Iniciados os trabalhos há cerca de 5 anos, ainda temos muito que fazer. Verificámos com alegria ao fechar as contas do ano que passou, a presença do trabalho dos rapazes na construção do que está feito.

A carpintaria não tem mãos para o muito trabalho que nos chega. A serralharia agora bem apetrechada, conduzida por eles, vai cumprindo sua missão de escola. Não somos uma indústria. Somos escola. A aprendizagem faz-se pelo trabalho que nos dão.

Outra presença consoladora, além dos amigos que regularmente se privam de alguma coisa de seu, a favor destes filhos, é a das Casas comerciais que prescindem da parte dos seus lucros nas vendas que nos fazem. É capital colocado em lugar seguro.

x x x

E a propósito de contas: Temos tido escrupulo na aquisição de uma máquina de contabilidade, mesmo das mais simples e baratas. A ausência dela favorece a ginástica mental do «chefe» do escritório.

Agora que este peso cai directamente sobre mim, por motivo de doença do titular da pasta, não sei se resistirei, pois sobram as oportunidades para tal ginástica.

Entretanto deixo ficar a lembrança a alguém que tenha alguma arruinada num canto ou que não lhe faça falta.

Padre Manuel



Nestes 25 anos não houve edição sem a presença do Leitor. Que riqueza incomensurável! Diálogo salutar e participação de Vida que incendeia.

Hoje — dia de festa — desabafa um de entre vós: «É com lágrimas nos olhos — e que caem sem respeito humanos — que eu leio todo o jornal, pode dizer-se religiosamente...» Não são lágrimas piegas, mas fruto do Amor, do Amor que é a perenidade. Por isso, o acolhimento, a receptividade, a ânsia d'ontem e d'hoje e d'amanhã.

Escrevei como quem reza, aconselha-nos Pai Américo. Lêde como quem reza — testemunha aquele nosso Amigo. E todos; todos quantos vivem e amam e dialogam nestas páginas que, se fôssem picadas, jorrariam sangue — como diria Pai Américo. O sangue dos Pobres, imagem de Cristo Jesus.

As nossas edições

AGRADECE E PEDE MAIS

«Depois de ter remetido um vale de 100\$00 para me mandarem um exemplar de «A Porta Aberta», aqui o recebi e muito agradeço a pouca demora na sua recepção. Não é propriamente por isso que escrevo. É sim, para lhes dizer quanto me tem consolado a leitura de tão precioso livro; leitura que não consegui fazer sem que os olhos se turvassem vezes a miúdo. Tive de parar muitas vezes para poder de novo continuar a sua leitura. Abençoadas lágrimas que não conseguiram esconder a satisfação que sentia ao ler prosa tão simples como maravilhosa.

Quero agradecer-vos os momentos inesquecíveis que passei enquanto li «A Porta Aberta». Para isso nada melhor que lhe pedir outros exemplares, para o qual mando a importância de 500\$00. Esta quantia não paga a «riqueza bendita do seu conteúdo», mas traduz a gratidão de uma alma que anseia por ser útil aos seus irmãos desamparados. Mandem 2 ou 3 exemplares para oferecer a quem muito precisar de ler coisas simples, mas belas. Sou dos que trabalham durante todo o dia e chego à noite um pouco cansado. Mas a leitura deste livro não só desvanece a fadiga como fortalece o espírito.»

JÁ POSSUO TODOS OS LIVROS

«Agradeço a remessa do livro «A Porta Aberta» e peço para não se esquecerem de mim em futuras edições.

Já possuo todos os livros que até à data foram editados, e

creiam amigos que quando a maré do desânimo e egoísmo se apodera de mim, só a leitura de algumas páginas desses livros me apaziguam e me dão alento para continuar.

Continuar a cumprir o meu dever de caridade para com os Pobres, e — porque não? — com os ricos também, tentando fazer-lhes compreender, o que nem sempre é possível, que a religião não é a missa aos domingos e, que Deus me perdoe, nem tão pouco a recepção dos Sacramentos só e mais nada.

Basta de conversa que não é mais que um desabafo. O tempo é precioso para vós e eu não vos quero fazê-lo perder. Adeus amigos Galatos; peço a Deus por vós todos.»

FÉ E CONFIANÇA

«Sou a assinante 17134, há cerca de um ano que recebo o

vosso jornal, o qual leio sempre com alegria e tristeza — alegria por ver a vossa coragem, que admiro, e a vossa confiança no amanhã, com os olhos postos em Deus; tristeza, por saber de onde vieram os vossos rapazes, pelas famílias deles! — não sei se me compreendem. Mas espero que sim.

Atravesso uma fase difícil na minha vida — calculo que seja a primeira, pois se Deus quiser, haverá outras... — e têm-me feito bastante bem a leitura dos vossos jornais. Uma senhora amiga aconselhou-me que lesse «A Porta Aberta», que não recebi. Por isso vos venho pedir que me enviem, logo que vos seja possível. Segue um vale de 100\$00, para pagar o livro. O resto será uma pequena dádiva para os rapazes, por intenção da boa resolução do meu problema. Tenho pedido a Deus que me ajude, e confio que o fará. Foi o Padre Américo que disse «não chores, mas confia», não foi? Será a minha divisa.»



Ai está Manuel António — o mais responsável na secção de composição. É uma imagem da nossa Tipografia — só com «prata da casa» — onde se compõe e imprime o «Famoso» e outras obras que são a delícia dos nossos leitores.

UMA SACUDIDELA NA CONSCIÊNCIA

«Recebi o vosso livro «A Porta Aberta», que muito agradeço. Desculpem o atraso no pagamento, mas, como recebi no mês de Dezembro, e como funcionária pública, não tenho qualquer gratificação gostando no entanto de oferecer qualquer lembrança aos amigos e pequenos mimos aos menos afortunados...»

Conforme já tinha gostado imenso dos outros livros, que me tinham enviado, que me deram uma sacudidela na consciência, que por vezes parece adormecida, no aconchego do comodismo, da indiferença e do hábito. Depois de os ler, a minha vida já não me parece tão difícil, nem a minha cruz tão pesada. Como figuras tão humildes nos podem oferecer tanto com o seu exemplo, ensinando-nos o dom da humildade, da esperança e da aceitação das migalhas, que os ricos sacodem das mesas abarrotadas.

Como me achei mesquinha, quando me sentia contrariada por não poder comprar qualquer coisa que não era absolutamente essencial, quando pensava, nesses milhares de pessoas, que principalmente no inverno, mal alimentadas, só têm para se deitar enxergas, por vezes encharcadas das águas da chuva, que as tábuas mal unidas deixam entrar, e que os seus corpos cansados de lutar e sofrer, não rejeitam!

Este livro porém, «A Porta Aberta» é um mundo de ternura, pois é quase todo apresentado no diálogo das próprias crianças. Vozes que clamam por pão e justiça, mas, porque partem de corpos franzinos, não chegam aos ouvidos da maioria da humanidade. Como se deve sentir feliz o Pai Américo, se puder ver como a sua Obra tem alastrado, chegando já às províncias ultramarinas! É natural que de milhares de rapazes que por aí têm passado, alguns se percam, mas, até nas melhores famílias há o que se chama as «ovelhas ranhosas» e, se olharmos ao meio onde vão buscar os vossos rapazes, ainda mais mérito têm aqueles que se salvam.

Como é grandiosa a Obra que da lama, de que os ricos se afastam para não serem salpicados, conseguem fazer as pedras, que constroem os alicerces em que se hão-de apoiar os pilares que formam a nação portuguesa.»

TENHO A COLEÇÃO COMPLETA

«Recebi há dias o livro «A Porta Aberta» que muito agradeço e sinceramente estimo.

Tenho a vossa colecção completa que li e leio sempre com o maior interesse e por vezes profundamente emocionada.

Não posso deixar de afirmar que este, «A Porta Aberta», é o mais completo sob todos os aspectos.

É na realidade perfeita e extraordinária a Obra que a alma invulgar do Padre Américo soube criar num mundo onde tão pouco se faz pela recuperação dos desertados.

O critério psicológico adoptado, é, a meu ver, dos mais perfeitos e tanto assim é que justifica em resultados maravilhosos.»

C
O
l
a
b
o
r
a
ç
ã
o



FAMOSO

DIVERSOS SÃO OS CENTROS DE INTERESSE DOS LEITORES

«Cá tenho recebido o vosso jornal regularmente, que leio sempre com avidez e interesse, assim como as notícias que dizem respeito aos casamentos dos vossos gaiatos, cujas famílias vão crescendo dentro do ambiente criado por vós e para vosso consolo e satisfação. Deus vos proteja e à Obra do Pai Américo que lá do Céu continua a zelar pelo vosso bem estar e desenvolvimento e protecção da Obra que ele criou na Terra.»

«Junto envio com toda a minha simpatia a quantia de 50\$ para pagamento dos próximos números de «O Gaiato» que como assinante 20463 venho recebendo pontualmente há alguns anos. Não há realmente dinheiro que pague a satisfação de ler um jornal que, em contradição com os temas que vão correndo, é uma mensagem de fraternidade e amor dentro do melhor espírito cristão e magnífico reflexo da Obra incomparável do Padre Américo.»

«Cá venho eu neste começo do ano pôr as minhas contas em dia e portanto aqui me têm a pagar a minha assinatura do tão querido jornal «O Gaiato», que vocês vão-se rir, pois, apesar de o assinar, não espero que ele venha e compro-o sempre à porta da Igreja a um dos queridos «batatinhas». Acho-lhes tanta graça! Logo que me vêem começam-se a rir, pois já sabem que o quero, e depois quando chega esse, volto-o a ler, então com vagar, a saborear como se fosse um bom doce. E é de verdade, principalmente para a Alma um delicioso doce.»

A MAIS BELA LEITURA DO MUNDO

«Que a paz do Senhor Jesus Cristo esteja convosco e que os nossos rapazes estejam todos bem de saúde.»

«Enviei ontem um vale que se destina ao nosso jornal, não para pagar, porque o Evangelho não tem preço e o «Gaiato» não é um jornal, mas sim a mais bela leitura do mundo. Pena é que muitos o não conheçam e outros o não compreendam.»

RECEPÇÃO DE UM «GAIATO»

«Assisti há dias à recepção de um «Gaiato» por assinante nada informado dele. Como sempre tenho lido no Famoso que só interessam os leitores e não apenas os «pagantes», transmito-lhes o desejo do dito assinante de não querer o jornal. Ainda lhe disse umas tantas verdades para levá-lo a informar-se pela leitura do jornal, mas desisti por ser funcionário que me está subordinado e eu não quero que ele pensasse que eu me servia da hierarquia para o forçar! Mas fez-me pena, pode crer.»

Inquietação Sacerdotal

«Encontro-me doente, em casa de meu irmão, que há bastantes anos recebe o «Famoso». Na sua leitura tenho encontrado sempre algo de novo, em cada quinzena, para me ajudar a pensar mais nos irmãos e a erguer o pensamento a Deus na aceitação mais voluntária das contrariedades a que este estado me obriga, principalmente a ausência do contacto directo com as almas, no apostolado activo.»

«Chegou, há tempos, o aviso de assinatura em débito. Lastimo a minha falta de saúde e por isso a falta de meios para apoiar mais largamente as vossas palavras por vezes tão duras mas sempre tão verdadeiras e sinceras.»

«Envio 100\$00 relativos aos anos atrasados do meu irmão que muito tem gasto comigo, sendo a paróquia muito ingrata no aspecto espiritual e material. Com a ajuda de Deus, espero escrever-vos mais vezes. Confia nas orações o irmão e amigo.»

«Como V. se deve lembrar também eu sou cidadão dessa Pátria de Paço de Sousa e até da Família do P.e Américo.»

«Encontro-me nas cercanias de Roma a seguir um Curso de especialização e actualização teológica de carácter internacional, que se prolongará até meados de Dezembro.»

«Um dos participantes da América Latina, interessado por obras sociais, ouviu falar na sua Pátria, a Colômbia, da obra do P.e Américo, comparada com outra no género, de que a Imprensa falava como sendo as únicas no Mundo.»

«Ao vir a saber que eu era Português, e para mais, era da

DELICADEZA CRISTÃ

«Creio bem que estou atrasado no pagamento da assinatura.»

«Por isso mesmo, junto envio cheque no valor de 1.000\$00, e assim fico certo de que a minha dívida, pelo menos no que respeita a dinheiro, fica saldada.»

«Obrigado por tudo quanto tenho recebido.»

«Com respeito ao jornal de «O Gaiato», muito me honraria de o receber e ler, mas como sou um modesto funcionário, com fracas possibilidades financeiras e com numerosa família, não posso arcar com essa responsabilidade. Acredite que o leio e aprecio imenso esse jornal, visto haver um colega meu que me deixa ler, e que, quando puder auxiliarei essa bendita Obra, na medida das minhas possibilidades.»

DOCTRINA SOCIAL

«Como seria diferente o mundo e quanto mais longe não poderiam ir os continuadores de Pai Américo, e outros que lhe vão na esteira, se os homens se convencessem todos de que o supérfluo não lhes pertence, mas sim aos Pobres.»

«Não agradeça; não faça referência ao jornal; pois isso pode-me dar ideia de que estou a ser generoso — e é tanto, tanto, tanto, que tenho recebido e tão pouco, tão pouco, tão pouco o que tenho dado, que até pareceria mal.»

«Vai sem destino especial para cada casa; as diversas casas lhe darão o destino mais adequado.»

«Porque dou pouco, recebendo muito? O medo, o medo, o medo, de que os meus 7 filhos passem por aquilo que passei e no meu pequeno, modestíssimo mesmo, negócio, possa haver uma quebra de ritmo, que me obrigue a lançar mão da pequena reserva que ando a fazer. Mas que recebo muito, ai isso recebo. O Sr. P.e Carlos sabe o que é ter 6 filhos a estudar do 2.º ano liceal ao 2.º universitário, pagando tudo, tudo, sem outro rendimento que não seja o da minha pequena casa comercial? Pois é o meu caso. Tenho, ou não recebido muito?!»

«Deus abençoe a vossa Obra, é o que pede ao SENHOR o que se subscreve atentamente.»

Obra da Rua

«A Obra do Gaiato, sinto-a fundo no meu coração e é com lágrimas nos olhos — e que caem sem respeito humanos — que eu leio todo o jornal, pode dizer-se religiosamente. Quantos ensinamentos... quanta beleza de alma, encerram o desprendimento com que pessoas humildes dão do que lhe faz falta. Abençoadas sejam.»

«As minhas filhinhas, o meu marido e eu, uma grande pe-

«cadora, espero e suplico o vosso perdão, e as vossas orações pelo bem e paz do meu Lar.»

«Enviei hoje o vale postal registado 51964, de 500\$00. Não fico agora a dever nada, excepto a alegria que me dá o mandar-lhes fazer qualquer trabalho.»



d
o
s
L
e
i
t
o
r
e
s

Uma Carta:

«Fui há dias com meus 2 bisnetinhos para eles entregarem, todos contentes, uns balões feitos por mim; ao distribuir uns caramelos entre vários que apanhavam folhas secas numa avenida, e depois de os oferecer a cada uma daquelas mãozinhas que se me estendiam, lembrei-me de dizer: «Agora vou atirar um punhado deles para brincar com vocês». Mas antes que o tivesse feito, aproximou-se um rapazito dos seus 8 anos e diz-me numa voz cheia de meiguice: **será melhor não atirar assim porque pode ficar magoado algum dos mais fraquinhos.**

Confesso que fiquei admirada e aceitei a lição que serviu a uma conversa de moral, durante o resto da viagem.

Esqueci-me de perguntar-lhe o nome, pois tenho a certeza que vai ser um grande homem.»

Lições deles apanho-as eu todos os dias minha senhora. E peço a Deus que a «certeza» que tem, se torne realidade.

x x x

Juíz da Fome é agora vendedor em Amarante. Quem o vir, adivinha logo o porquê do apelido. Ora ele pediu-me para levar calças compridas para venda. Justifica o pedido mostrando as suas pernas fininhas.

Apeteceu-me dizer-lhe que não. Queria que os homens deste tempo, em que tanto se afirmam os «direitos da criança», vissem como se desformam tantos à fome e ao desamparo. Porém não o fiz. Disse que sim.

Aqui, LISBOA

Não fica mal neste número falar da venda de «O Gaiato» na Capital. Nos tempos em que éramos simples leigos e o comprávamos nas ruas aos pequenos vendedores muito recebemos. Bem sabemos que era Pai Américo a enchê-lo do seu espírito, a transbordar de Evangelho, num estilo ímpar, que nos tocava profundamente. Hoje a responsabilidade é outra e se queríamos «escrever como quem reza», falta-nos o tempo, a disposição e a veia, para não sentir como pesado encargo a nossa modesta colaboração neste «pequeno desordeiro». É que, sem dúvida nenhuma, temos como uma das mais difíceis e espinhosas tarefas, a obrigação desta rubrica que assinamos.

Apesar de tudo e para lá das limitações daqueles que escrevem presentemente em «O Gaiato», temos a convicção plena de procurar servir os Valores pelos quais Pai Américo se bateu denodadamente, na linha do seu exemplo e das normas que legou aos seus continuadores. Sabemos de vários quadrantes como o que aqui se escreve, na sua pequenez e simplicidade, é susceptível de tocar os corações e de pôr ao vivo, sem grandes especulações ou discursos, problemas candentes e de actualidade, procurando a Verdade, a Justiça e o Amor, não numa visão demagógica ou em busca de notoriedade, mas ao serviço dos Irmãos mais carecidos, filhos do mesmo Pai. Escândalo para alguns? Sem dúvida! Mas, mesmo assim, missão cumprida em relação aos escandalizados, a quem a salvação também é oferecida pelo Pai de Todos, pelo Deus de Todos.

Temos feito vários apelos em ordem ao incremento da venda na Capital, e arredores, onde para cerca de um milhão de pessoas se vendem apenas 4 mil exemplares por quinzena, núme-

ro irrisório para as possibilidades existentes. As Companhias, Repartições e as grandes Empresas, como acéfalas que são, não se abrem em geral, não fossem também muitas vezes anónimas de nome... Nas ruas e nas praças, às portas dos Templos, à chuva e ao sol, os nossos vendedores são como que ignorados ou desprezados, talvez alvo duma ou doutra palavra ou dum ou doutro olhar de paixão, os «coitadinhos» da auto-suficiência dos instalados, ou dos egoístas esquecidos de que os pequenos Gaiatos ao fim e ao cabo estão a prestar um serviço e a ministrar, em dignidade e em sacrifício, uma lição. Eles, os escorraçados pela nossa conduta e a nossa demissão, a oferecer os caminhos da compreensão, da justiça, da paz e do amor! Eles que têm ordem de entregar o nosso pequeno jornal a quem o deseje possuir e não tenha ou leve dinheiro! Eles, até aqui considerados como perigosos para a sociedade, que nos entregam ao fim do dia o produto do seu labor, cheios de suor ou encharcados, com queixumes, à mistura, de certos senhores, que nem um ou outro mimo atenua! Já pedimos muita vez, como vicentinos e como padres, ouvindo o «não» e o «sim». Nunca experimentámos, porém, vender o jornal nas ruas, comungando em pleno das dificuldades e problemas que se põem aos nossos vendedores, da parte das inclemências do tempo ou das pessoas. Será necessário partilhar também ao vivo nesta faceta da sua existência, nós que lhes entregámos a vida, dormindo com eles, comendo com eles, rindo e sofrendo com eles?! «O Gaiato», pequeno no tamanho mas grande na alma, tem de continuar a provocar a «desordem» do Amor no meio dum mundo frio, carecido do seu testemunho!

Padre Luís



VISTAS DE DENTRO

É que eu respeito o homem que há-de ser o **Juíz** e não quero que ele se sinta inferiorizado perante os homens. Com o tempo compreenderá, embora a sua inteligência seja gémea do rancorismo do corpo.

Vejam só este facto: Pediu dinheiro para o comboio de Cete a Amarante. Recebe 7\$50 correspondente a meio bilhete. Ele anda pelos 12 anos e não aparenta mais que 9. Se a C. P. fechar os olhos não faz nada de mal, tanto mais que o **Juíz** nem sequer ocupa meio lugar.

Diz que é pouco. Que quer 20\$00 para comprar bilhete de ida e volta, pois assim fica mais barata a viagem.

Boa intenção a do **Juíz da Fome**. Quer poupar, mas não sabe calcular. Nada me admira, pois, que com raciocínios destes ele venha a dar de troco 50\$00 a uma nota de 20\$. Vale-nos a amizade dos Amarantinos para

não levar a praça à falência!

x x x

Vádio é um nome de guerra muito bem posto! Se fosse a contar-vos as suas façanhas diárias encheria o jornal só com ele e as suas aventuras.

É nosso há pouco mais de um ano. A mulher que o alugou à mãe para explorar a «pedrinha», industriou-o bem na mentira, no roubo e na dissimulação, fazendo desta criança de 12 anos um pequeno salteador. A sua estrutura franzina era propícia à entrada por pequenas grades ou friestas. Viado desde o berço, não vai ser fácil perder os hábitos adquiridos.

Vádio tem muitas saudades da rapina e dos assaltos. Por isso, não é raro que ele sonhe com as coisas dos outros, ou arrombe portas e malas para tirar o que lá há!

O meu apelo não caiu em terra árida. Graças a Deus, não esperava outra coisa de quem o leu. Por isso, hoje, quem vai falar são esses corações generosos e alegres, por terem de alguma maneira suavizado a dor daquela mãe, que se ri agora de contente com tantos agasalhos para os seus filhos, bendizendo a quem lhes deu.

Fala primeiro, uma D. Teresa de Setúbal: «Também tive 3 filhos em 3 anos e meio, por isso tenho tudo velhote; no entanto, mando essas peças, porque vale mais pouco que nada». E anima-me a pedir sempre que tenha faltas. É o que faço. D. Isabel de Lisboa, também

marcou presença. De Ilhavo, D. Maria José, diz que não tem roupas para crianças pequenas, mas manda 100\$ para eu comprar o que achar melhor. (Comprei fraldas e cobertores). De



PAÇO DE SOUSA — «Alijó» e Avelino amassam o pão da comunidade. Dá muito trabalho. E trabalhos!...

Tem esconderijos onde guarda os furtos e é muito difícil de se lhe apanhar a verdade. Um destes dias, prometeu em pleno tribunal merecer a alcunha de **Pica-pau**, que antes lhe fôra dada, morrendo a de **Vádio**. Por uns dias a coisa pareceu dar resultado. Porém, as saudades da vadiagem venceram. Lá foi ele até à casa da nossa professora e aproveitando a sua ausência parte um vidro e toca de entrar em casa. Não houve nada que ele não remexesse. Tudo que era guloseima ele trouxe para distribuir pelos amigos. Não foi difícil ver donde provinham as coisas e quem o autor do assalto. O pior é que não lhe escaparam as jóias e dentre elas um anel valioso. Durante 3 dias o anel não aparecia. **Vádio** negava ter pegado nele. Já nos convencíamos da sua inocência quando se conseguiu saber onde o escondera. Ele há tantos **Vádios** por essas ruas do país! Doi-nos saber que um seu irmão, mais novo um pouco, anda na mesma escola — e não o poderemos receber!

Ele há tantos **Vádios** por essas ruas do país! Eles são o fruto dos nossos pecados!

Padre Abraão

Vila Nova de Gaia, 100\$ para o mesmo fim. Do Barreiro fala D. Isabel: «Li o seu apelo, e como mãe, sinto o desconforto desses anjos, que para mim tudo valem, e que nada têm. Junto envio uma migalhinha, para a Senhora comprar o que lhe fizer mais falta». 50\$ de Gaivão. Também atendeu a S.ª D. Maria Isabel: «Há muito que não mando nada para essa Obra que tanto aprecio. Mas li agora «O Gaiato» e quero penitenciar-me do meu esquecimento.» Envia 100\$. De Castelo Branco, D. Maria do Carmo envia roupas. Alcobaca, uma amiga de há muitos anos: «Muito me impressionou o caso relatado no último «Gaiato». Na minha casa, não há roupas de crianças, pois somos já de idade. Junto remeto 120\$, para comprar na vossa casa um chale pequeno e camisolas, para essas crianças». Porto, por intermédio da S.ª D. Virgínia, um vale de 100\$, para entregar àquela mãe de Ordins. Da Figueira da Foz, uma Senhora, por ela, e pelas amigas a quem falou do meu apelo, enviou-nos uma grande encomenda com roupas e faz-nos encomenda de um chale grande para ela, lá na terra, agasalhar também uma doente. Novamente Lisboa: De D. Berta, 120\$, «sendo vinte a minha contribuição mensal, e os 100\$ para agasalhos dessas crianças». Enviaram também uns sapatos quase novos. O fato para o nosso irmão aleijado, ainda continua à espera, e ele também. Dei-lhe ontem uma camisola em malha para não sentir tanto o frio. Até agora foi tudo o que recebi.

Maria Augusta

Visado pela

Comissão de Censura



Chegaram mais três. O mais pequeno foi parar à mesa dos «batatinhas». Agarrou o garfo com a mão toda e toca a engarfar. Mas o Mário, chefe da mesa, safu-lhe ao caminho: «Olha que não se pega assim no garfo, é assim». O nosso homem olhou-o e aos outros e pegou no garfo como deve ser. Foi a primeira lição. Sem compêndio. O irmão mais velho a guiar. Quando se for deitar e amanhã no trabalho, será igual — «olha que não é assim».

x x x

O nosso «Gaiato» faz anos! Um rapaz novo! nos seus 25! em plena juventude!

Nem a fome, nem o frio... nem as guerras, nem as políticas...

nem a doença nem a morte... sempre um mundo novo...

Pai Américo a insuflar! montanhas! rios! neve! justiça e amor!

sem medo!

e que Deus nos dê a humildade.

Há dias, um Sr. Capitão: «Mande-me o jornal depressa, faz-me muita falta».

Sede de mensagem.

Apetece... gritemos mesmo: — obrigado Pai Américo por esta mensagem sempre presente e activa nestes 25 anos.

x x x

Os calções do Júlio (até aos joelhos e cinquenta centímetros

MALANJE

de diâmetro em cada perna) são um monumento. Já todos o conhecem. A pasta inconfundível debaixo do braço! Não julguem que anda nos pagamentos... são as chaves de todas as portas e as cartas da Maria do Carmo. Quando está mais cheia, são parafusos e arames prás macas da Bedford.

Más, coitada da Bedford! Está nos últimos aboqueijos. Breve, será o fim. Da carroceria vamos fazer um atrelado. A cabina poremos em pedestal. Ela merece. Fez dez construções.

E agora? Cheios de esperanças, fizemos uma carta em alemão, toda bonita, a pedir uma nova à Fábrica da «Mercedes». Não chegou ao seu destino! Mal a dita desembarcou em Lisboa, os grandes senhores da Mercedes deram-lhe um tiro!

Os rapazes não desistem. Vão tentar a «Toyota». Amanhã segue carta para o Japão. Serei eu a meter no correio... não venha ele outro tiro.

x x x

...É noite. Vou dar uma volta pelos dormitórios; fechar as ja-

nelas porque está vento; tapar os que estiverem descobertos; ver os três que vieram hoje do sul para me certificar se dormem tranquilos e em paz.

As crianças são os anjos da noite!

Como são ridículas todas as ambições!

Vale a pena o amor! Escolham o amor.

Padre Telmo

«Ser liberto da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade de homem; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens de hoje, quando um grande número de entre eles está condenado a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo».

No anúncio recente da criação dos meios legais, técnicos e financeiros para, a nível Pro-

LOURENÇO MARQUES

vincial, se resolver o problema dos bairros de caniço, a começar em Lourenço Marques, eu vejo o começo dum plano de execução, bem estruturado à luz deste texto da Populorum Progressio, e o abrir de um horizonte novo ao progresso na nossa terra.

Os inquiridos preliminares empreendidos pelo Governo Geral que revelaram «a natureza, importância da ordem de grandeza dos problemas, não digo só urbanísticos, em jogo», foram talvez o primeiro «diálogo sincero, criador de fraternidade» porque «centrado no homem e não na mercadoria e na técnica», como de costume.

«As vastas operações de renovação urbana que deverá ter como objectivo essencial melhorar as condições das populações interessadas» serão simultaneamente uma complexa agregação de esforços a vitaminar o nosso corpo social tão enfermo.

Até agora, era com cepticismo que se ouvia alguém falar no assunto. Os que de mais perto trabalham para o bem comum, sentiam-no como uma grande ferida aberta, e no geral, todos aqueles que amam esta sua terra e se alegram com quaisquer acenos de progresso social, mas sofrem como que derrotados os desaires passados, criam que o problema «pela sua amplitude e dimensões oferecia a tentação do desânimo e da inércia».

Para Alguém, dotado de elevado grau de espírito de Governo, que é serviço, que, enfrentando embora inércias, não conhece nem aceita desânimos, a tarefa de libertar os governados da miséria é uma maneira muito eficiente de promover «aquela paz que não se reduz só à ausência da guerra, mas a uma busca, dia após dia, de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens «de modo que os mesmos se realizem, conheçam e possuam mais, para ser mais».

Aqui fica, pois, o testemunho do nosso apreço por tal iniciativa e de regozijo, pela parte que nos toca na comunhão de vida com aqueles que também procuramos servir. Bem haja, Senhor Governador Geral.

Padre José Maria

O MEU TESTEMUNHO

«O Gaiato» faz vinte cinco anos. Tinha eu vinte quando ele nasceu. Que lindas idades. Recordo-me do primeiro número e de todos os números. Estava no Seminário de Coimbra e estudava filosofia. Foram dois gaiatos vendê-lo ao Seminário.

Já conhecia Pai Américo pessoalmente e conhecia a sua secção no «Correio de Coimbra». Li o primeiro número de «O Gaiato» e nunca mais deixei de o ler. Logo que pude, fiz-me assinante e pagava a assinatura das minhas economias de estudante. Sempre o li de ponta a ponta, mesmo a secção das assinaturas pagas que saiu muitos anos.

Recordo-me de como delirava, quando os dois pequenos vendedores o apregoavam nos extensos corredores do Seminário: «Olh'ó Gaiato!!!» Eu vinha logo à porta e dizia-lhes para gritarem mais alto; eles obedeciam. Levava-os ao meu quarto e dava-lhes «contrabando» (fruta e outras coisas de comer).

Foi por «O Gaiato» que me deixei ir arrastando lentamente para este cantinho da Obra da Rua. Foi uma caminhada silenciosa, que o Senhor me proporcionou. Quando o jornal chegava, guardava-o sempre para ler à noite, pois sabia que me não dava o sono. Ainda agora

assim faço muitas vezes. Recordo dum modo especial a minha vibração com «Isto é a Casa do Gaiato» de Pai Américo.

Nestes dezanove anos «O Gaiato» tem continuado a ser para mim, fonte de doutrina e também fonte de martírios. Escrever para ele todos os quinze dias é uma das maiores aflições que me acompanha. Quantos dias com papel e lápis atrás de mim! Quantas noites com papel e lápis na mesinha de cabeceira! Quantas horas de vigília com a cabeça entre as mãos a escrever à força! Quantas!

Por isso quando encontro na rua os nossos pequenos vendedores a oferecer «O Gaiato» como quem pede esmola, eu, magoado, chamo-o ao lado e digo-lhe: «Olha filho, não peças por esmola que te comprem o jornal. Ele vale bem os dez tostões. O nosso jornal é todo fruto de amor. É necessário dizer a toda a gente, quanto ele vale». O rapaz olha para mim e não entende o meu sentir de amargura.

Se «O Gaiato» não tivesse outra resposta, bastar-me-ia o conselho paternal de Pai Américo: «escrevei para o nosso jornal como quem reza». «O Gaiato» é e tem sabor de oração.

Padre Horácio



Nós somos procurados por doentes de todos os matizes. E do norte ao sul.

Ontem um senhor de boa posição social suplica um leito para a filha mais nova, mas anormal e parálitica. Traz a mágoa de não poder educar os outros filhos menores com aquela anormal em casa. Diz que os outros a imitam e se impressionam. E ficam por certo marcados, — conclui. Talvez tenha razão. Mas nós temos de fazer selecção. Somos para os sem família. É pena que não haja onde aquele pai possa colocar (com sossego de pai) a filha menos sã.

Hoje chega esta carta das vizinhanças do Porto:

«Temos nesta freguesia um rapaz que ficou orfão de mãe, única ajuda que ele tinha. É paráltico incurável; está com 2 irmãs que são raparigas de má vida: a mais nova anda a ser procurada pela polícia, pois desapareceu; os filhos da mais velha vão ser internados numa creche. As duas raparigas saem de manhã e deixam-no em casa até à noite abandonado. Consta que lhe batem. Já demos muitas voltas e não conseguimos nada...»

Trata-se evidentemente de um caso nosso.

Mas há outros que nos fazem sofrer também e muito. E muitos nem nos batem à porta. São os pobres doentes que ficam

incuráveis, não porque o sejam clinicamente, mas porque a penúria de meios não lhes permite adquirir os medicamentos necessários para debelar o mal. Conhecemos bem esta situação incrível mas verdadeira. Nem sempre se trata de indigentes. Muitos são simplesmente pobres cujos recursos ficam muito à quem da altura a que se negociam os medicamentos. Ora, não pode deixar de ser um crime negociar com a saúde dos outros. Observo um pouco como isto gira. Ando a par, porque tenho uma casa com uma centena de doentes e preciso de muitos remédios e sou pobre.

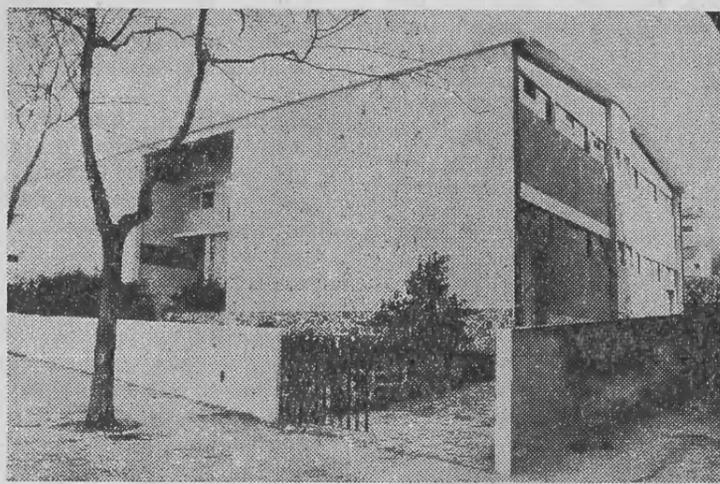
Pouco me importaria que houvesse negócio, se a par houvesse justiça, e os pobres doentes não viessem a perder a vida por falta de condições económicas capazes de suportar as alturas a que pairam as vendas farmacêuticas.

Podia concretizar, mas não é minha missão. Pertence-me apenas afligir-me com os aflitos; suplicar pelos que não são já capazes, se é que alguma vez o foram, de implorar o que lhes é devido.

Quantas vezes não me apetece voltar o rosto. Quantas outras me apetece deixar o correio fechado, para ignorar.

É dura a missão do «padre da rua». As chagas do próximo não nos deixam descansar.

Padre Baptista



As oficinas da nossa Casa de Setúbal levantadas com suor e sacrifício, da fundação aos acabamentos — é obra deles, para eles, por eles. A nossa Obra!



Setúbal

EU fui hoje massacrado nas oficinas de Serralharia e Tipografia.

Era de manhã. Costumo passar pelas oficinas a horas desencontradas e várias vezes ao dia.

Desta vez tive de me encolher. Na Serralharia, os rapazes mais o mestre rodearam-me: «Que não pode ser. Que não temos máquinas para fazer o trabalho. Que não temos ferramenta. Que vários fregueses têm cá vindo encomendar trabalhos e vão-se embora desiludidos por não termos com que fazer as suas encomendas. Que os rapazes assim não aprendem. Que o «Charruas» era já para ter nas mãos uma boa máquina e está pr'ali a cortar ferro com um serrote. Que não podemos passar sem um limador. Que é uma anedota o nosso engenho de furar. E mais e mais!...»

Eu puz as mãos na cabeça. Os rapazes têm razão, mas eu não tenho possibilidades. Um limador custa trinta mil escudos. O engenho de furar dez mil. A ferramenta nem se fala.

«Que não me têm falado assim por me verem acabrunhado. Que eu não ligo aos problemas da oficina. Que o trabalho nestas circunstâncias não rende. Que a gente (eles) assim não anima... E muito mais.»

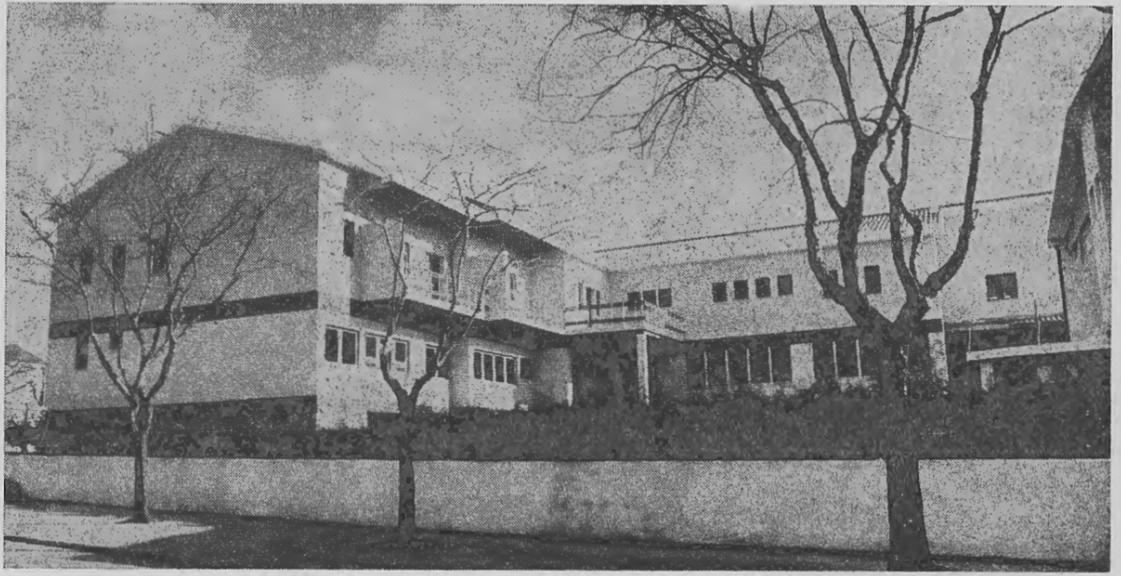
Eu prêguei calma. É necessário sacrifício. A nossa Obra é fruto de sacrifício sem medida. É necessário trabalhar. As dificuldades ajudam o homem a crescer se ele as souber vencer!...

Cá por dentro estava torturado. É evidente; a nossa oficina está nua! Os rapazes têm merecido. Eles sacrificaram-se tanto na construção do Lar! Fizeram uma Obra para os vindouros. E agora, como vão aprender sem máquinas e sem ferramenta?

Subo à Tipografia: «Que o trabalho é cada vez mais. Que não podemos mais. Que uma cilíndrica automática «é tão necessária como o pão para a boca». Que assim os rapazes não podem desenvolver-se no officio. Que veja eu.»

E tenho visto! E aqui estou a dizer-te das minhas aflições. Puz no nosso programa deste ano melhorar o apetrechamento das oficinas. Repara os teus pecados. Vem em nosso auxílio. Manda-nos a tua ajuda.

Padre Acílio



O belo edificio do nosso Lar de Setúbal, muito familiarmente inaugurado no passado dia do SS.mo Nome de Jesus.

mos ao século de agora. Naturalmente, entraríamos no rol dos esquecidos, ou então no dessa nova vaga de «faladores» que anda por aí a dar muito que falar e não faz nada. Esquecidos ou «faladores», o resultado é idêntico, se o espírito que enforma a palavra não fôr de Humildade, de paixão da Verdade, vividas na oração, sofridas na acção, «para que os homens vejam a glorifiquem a Deus».

Sim, a tarefa é divina, e por isso Deus a realiza, sem tropeçar na invalidez dos instrumentos, sejam eles luz da LUZ, ou sembras a dizer que a LUZ é; aqueles carismados, estes homens vulgares; os primeiros, rebento «aggiornado» da Mãe Igreja, «sempre antiga e sempre nova»; os segundos, a prolon-

gar a sua voz entre os homens de boa-vontade.

Só uma perspectiva de Fé (de Fé e de Humildade); naquela mesma em que Pai Américo profetizou que «a minha Obra começa quando eu morrer» — só assim se pode explicar o êxito de «O Gaiato», os seus 50.000 exemplares em cada quinzena revolucionando as almas para a conversão ao amor, não para a confusão das ideias.

Pai Américo teve uma apenas, uma ideia-fixa, bastante para sublimar a sua vida e fazer dela um rasto luminoso que não se apaga mais: o «unum necessarium» — o amor do Amor. Jamais se desperdiçou nos acidentes, quando a essência não passa de débil realidade de no nosso pobre mundo. Amar, «em obras, em verdade» e levar os homens a amar da mesma sorte, foi só o que o fez falar e foi tudo o que autorizou divinamente a sua palavra. Tão divinamente que, quando ela soou atrevida aos bem-instalados na terra, ninguém a contestou, porque ela soava ao Evangelho que só a Igreja guardou, guarda e guardará fielmente até à Eternidade. E hoje, fiel a si mesma (que não muda o amor, vivido «em obras e em verdade») ela é um valor de reserva neste mundo em contestação, onde os acidentes do amor produzem muito falatório e a essência é tão pouco vivida.

Festas

Faltam desasseis dias para o Coliseu.

A noite passada houve ensaio com a orquestra. Quando tal, costuma estar-se nos ensaios de apuro, que nos outros é «mestre» Aranha ao piano — e basta!

Américo anda tranquilo quanto a ensaios. A sua máxima preocupação tem sido o guarda-roupa. Até me parece que este ano vamos ter passagem de modelos! É o guarda-roupa e os cenários. P.e Baptista começou com eles a semana passada e tem-nos quase prontos. São três. Eu já vi o mais importante: uma categoria!

Américo e Júlio têm trabalhado sem horário. Acaba hoje o jornal de sábado próximo e estão prontas já quatro páginas do jornal do 25.º aniversário. O cansaço da Joannisberg não nos permite pedir-lhe grandes velocidades. Por isso, como o número duplo e colorido que

tendes em mãos, equivale a três números normais, as nossas mãos têm de antecipar-se este tempo todo. «Chinês» e Bartolomeu seroam toda a noite, cada um a sua, para porem fora o jornal velho. «Caneco» e Alberto andam com o novo às voltas. E, como os nossos padres, apesar de muito prevenidos e instados, ainda não mandaram original, sou eu que os aturo e que me vou desembaraçando como posso, com notável falta de inspiração.

Apesar de tudo gosto deste ritmo. E como a boa-vontade de todos é patente, gozo com ela.

O portuense leitor destas linhas, ao tempo que as lê, já terá estado no Coliseu. Gostou com certeza, pois não há no Porto quem não goste. Oxalá tenha tido razões objectivas para gostar. Assim será de bom augúrio o resto da «tournée».

PRESENÇA

Continuação da 1.ª página

E tem crescido, sem mudar da opinião que faz de si mesmo, nem os leitores mudam da que dele fazem. Ele fala de experiências. Cada um que fale das suas experiências. Não que elas se comuniquem, mas ajustam-se. Por isso mesmo o jornal expande-se, é fonte de receita, faz bem às almas.

Este é o nosso ponto de mira: fazer bem às almas. É mais fácil, é mais doce, é mais meritório fazer bem do que fazer mal. Como há muita gente no Império que faz o

favor de o ler e de o coleccionar (coisa espantosa!) **O Gaiato** esmera-se por dar somente aquelas notícias preciosas que o tempo não desgasta. Ele é verdade que às vezes troca os verbos e erra a pontuação. Mestres há que o têm chamado à pedra. Mas como ele é pequenino, não toma bem conta da lição — daí os desastres.

Vai agora nos três anos. Botou os primeiros dentes, mas continua no firme propósito de se fazer mais pequenino à maneira que fôr crescendo, para que em nada se pareça com os «grandes».

de Pai Américo

Vinte cinco anos

Cont. da PRIMEIRA página

experimentou a urgência irresistível de gritar que «é tempo de acordar do sono», que «quem não ama permanece na morte» e, pior, «é homicida!»

A Obra expandiu-se; a vida cresceu — e a ansia de estabelecer comunhão entre os homens (credores e devedores de amor, uns para os outros) pelo vínculo real e necessário da transfusão de bens, ganhou voz que já não cabia nas estreitas colunas dos referidos jornais. Assim nasceu «O Gaiato» no dia 5 de Março de 1944.

x x x

Difícil é falar de «O Gaiato» para quem o tem sobre os seus ombros! De todas as heranças de Pai Américo, o jornal era a que mais afligia os seus padres. Pois se nele a arte natural de escrever foi evidente suporte de um carisma (que, apesar da moda da palavra, acreditamos

e bem vemos que a realidade não anda por aí ao Deus-dará!) — como haveria de ser depois, quando faltasse o carismado?!

Frágeis na Fé, não reparávamos que «a Obra da Rua é uma correspondência à fome e sede de Justiça de tantos de quem os padres da rua comungam a dor, de quem fazem seus os problemas e os procuram resolver», porque «o século de agora anda esquecido, os Pobres constituem encargo indesejável». «Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade». Assim, «aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza, prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom». E, «pela força e crédito dos seus escritos, defenda os direitos e leve os homens a reconhecer e respeitar o Pobre».

Esta tarefa é sobre-humana, é divina. Nós também pertence-



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE